

## **Saúde Brasil**

### **“ Quiltando a vida ” - A aprendizagem do Protagonismo para a Geração de Renda”**

#### **Introdução**

“Quiltar” é uma adaptação informal para o Português da palavra inglesa “quilt” que significa colcha ou acolchoado, ou seja, “quiltar” é o ato de costurar utilizando a técnica de unir retalhos formando desenhos para compor uma colcha em três planos, de maneira que fique acolchoada. A palavra passou a ser utilizada pelas pessoas que se dedicam à arte de patchwork, um outro termo que se refere ao ato de costurar com pequenos retalhos. O patchwork foi uma técnica que se desenvolveu a partir de costuras feitas com restos de tecido. Aos poucos a técnica foi se desenvolvendo e passou a ser um trabalho bastante valorizado, sendo visto como uma arte dentro do trabalho de artesanato, para os adeptos, a “arte de quiltar”.

A oficina de Patchwork, objeto deste trabalho, é uma realização do Programa de Famílias desenvolvido pela CAF- Casa de Assistência Filadélfia. A CAF é uma organização não governamental, sediada na Zona Leste de São Paulo e que atua desde 1995 junto a crianças e adolescentes soropositivos para HIV/AIDS e seus familiares, provenientes de toda a Região Metropolitana de São Paulo.

O trabalho que a CAF tem desenvolvido ao longo de seus 10 anos de existência tem alcançado reconhecimento nacional e internacional por organismos do setor público e privado, graças a sua atuação baseada em valores, dentre os quais, a crença de que a criança e o adolescente são importantes não pelo que virão a ser no futuro, mas, pelo que já são no presente, podendo participar e contribuir efetivamente para a sociedade, sendo a relação com a família um importante elemento para que isto se concretize.

Visando o apoio à criança e ao adolescente, o Programa com Famílias busca fortalecer as famílias compostas por pessoas soropositivas para que as mesmas possam cuidar de seus filhos com dignidade, promovendo a reintegração à sociedade com base na auto-sustentabilidade, gerando ou complementando a renda familiar. Ao desenvolver a oficina de Patchwork, o Programa com Famílias visa além do desenvolvimento de habilidades para geração de renda: fortalecer a auto-estima, estimular o protagonismo, a autonomia e o desenvolvimento do trabalho em comunidade e em equipe.

A Proposta da oficina é gerar um produto com qualidade de mercado por sua versatilidade (a técnica pode ser aplicada a panos de prato, toalhas, caminhos de mesa, colchas) e criatividade a um baixo custo. A produção exige aprimoramento da técnica de corte/costura, e habilidade no planejamento da produção, apresentação e comercialização dos produtos, uma seqüência que exige determinação e persistência dos que se iniciam na arte de “quiltar”.

## **1-Antecedentes da Oficina**

O grupo que participa do Programa com Famílias é composto em sua maioria por mulheres soropositivas, cujos companheiros são presidiários ou usuários de drogas, viúvas de maridos soropositivos e casais de pessoas soropositivas. O programa atende 40 famílias, tendo um número de 110 crianças e adolescentes e perfazendo um total de 350 beneficiários. As pessoas chegam ao programa encaminhadas pelos serviços sociais dos hospitais e centros de tratamento de DST/AIDS e ainda, seguindo uma demanda espontânea, muitas vezes devido à indicação de famílias que já fazem parte do programa.

Com o aprimoramento do tratamento clínico-medicamentoso, houve um aumento na expectativa e qualidade de vida de pessoas vivendo com HIV/AIDS. Este avanço ocorreu num momento em que a epidemia já havia ultrapassado os grupos de risco e se encontrava distribuída entre toda a população, no entanto, uma maioria de contaminados encontrava-se entre a população de baixa renda, para quem, devido ao pouco grau de instrução e de estrutura sócio-econômica, a problemática da infecção assumia um contorno mais dramático de desinformação, alienação e abandono. Neste momento, o Programa de Famílias tinha uma atuação bastante assistencialista, prestando apoio emocional e social, sendo uma casa de apoio para acolhimento daqueles que sobreviviam à doença e para os que faleciam, um apoio para que isso ocorresse com dignidade. No entanto, a direção do programa sentia a necessidade de mudanças que pudessem transformá-lo para que assim houvesse uma contribuição mais direta para as famílias que participavam, correspondendo às necessidades daquele momento da epidemia de HIV/AIDS.

As famílias foram assim avisadas de que uma pesquisa seria feita para levantar que elementos poderiam ser modificados para melhor atender a todos. Os beneficiários foram ouvidos em entrevistas informais e ainda, preencheram um questionário de questões abertas para responder o que consideravam pontos fortes e fracos no programa, o que esperavam que o programa pudesse modificar para melhor contribuir com eles e o que esperavam para o futuro. As perguntas foram feitas numa linguagem bastante simples e as respostas não deveriam ser assinadas pelos participantes para evitar qualquer constrangimento ou a produção de respostas viciadas. Para aqueles que não podiam escrever, houve ajuda de voluntários que compareceram à pesquisa para preencher as respostas. A pesquisa se estendeu também a um grupo de crianças e adolescentes mais freqüentes ao programa.

Como sugestão para mudança os resultados apontaram para a necessidade referida pelos beneficiários de terem algum trabalho para auxiliá-los na geração de renda. Uma fala que se repetiu muito foi a de que, eles não desejavam ser ajudados para sempre e que gostariam muito de poder cuidar de seus filhos com dignidade, poder ajudar outras pessoas também. Estes resultados foram posteriormente compartilhados com os beneficiários que, junto com a equipe da CAF passou a estudar a melhor maneira de efetuar mudanças necessárias no Programa.

## **2- Levantamento dos problemas**

A discussão dos resultados auxiliou na identificação de alguns elementos-problema:

- 1- As famílias que participavam no programa moravam em diferentes locais da Região

Metropolitana de São Paulo, ou seja, não faziam parte de uma comunidade circunscrita e tinham pouca ou nenhuma relação fora do momento de reunião semanal na CAF, encontrando-se eventualmente nos serviços de saúde por ocasião das consultas.

- 2- Os beneficiários não haviam se apropriado do programa e havia uma grande carga de alienação e de dependência da estrutura assistencialista.
- 3- Cada participante esperava poder receber capacitação em uma área distinta para geração de renda, não havia uma homogeneidade nas expectativas.
- 4- O grau de instrução formal, condições sócio-econômicas e ainda, estado de saúde variava entre os participantes.
- 5- A mudança de atuação que alteraria a divisão de tarefas e a distribuição de responsabilidades precisaria ser estudada pela equipe da CAF.
- 6- Necessidade de encontrar parceiros para compartilhar a experiência do grupo e permitir sustentabilidade a curto e médio prazo.

A equipe do programa passou então a estudar estes elementos-problema, primeiramente verificando as necessidades de mudança interna dentro do programa e da organização que pudessem dar condições para estabelecer uma relação de maior participação e apropriação por parte dos beneficiários.

### **3. Metodologia para abordagem do problema**

Como passo inicial a equipe da CAF realizou um levantamento bibliográfico para verificar experiências referidas por ONGs dentro da temática de participação popular, protagonismo, geração de renda e desenvolvimento comunitário.

Além da pesquisa bibliográfica que auxiliou no estudo de algumas metodologias, a coordenação passou a fazer visitas a outras ONGs no sentido de discutir a problemática e trocar experiências que auxiliassem a prevenir possíveis entraves para o início da atuação. Estas visitas contribuíram para a formação de uma pequena rede de trabalho de cooperação/informação envolvendo ONGs tanto na cidade de São Paulo, quanto em outros estados do Brasil.

Após este período de pesquisa, a equipe da CAF reuniu-se com as famílias para discutir algumas possibilidades iniciais. Levou-se em consideração:

- 1- A necessidade de se esclarecer com o grupo o significado de processo de mudança: “sair do assistencialismo para um processo participativo”
- 2- O estabelecimento de um acordo de participação das famílias, para que com isto, houvesse maior apropriação não apenas dos resultados, mas, também do processo como um todo.
- 3- Necessidade de debater sobre a temática do trabalho em comunidade com todos os participantes.
- 4- A importância de alguns conceitos tais como: liderança, divisão de trabalho, tomada de decisão, e outros termos.
- 5- Reestruturar as reuniões para início do trabalho de escolha das oficinas para geração de renda.
- 6- Definir uma liderança dentre o grupo cuja escolha partisse dele próprio e que representasse o mesmo junto à coordenação do Programa.

## **4- Resultados**

### **1.1 Iniciando um processo participativo- Reações variadas**

A mudança de andamento do Programa com Famílias começou pela equipe do programa. O processo de empoderamento pode gerar um sentido de perda de função por parte daqueles que ocupam um papel de doador, de provedor. Para diminuir este sentido e poder esclarecer junto à equipe do programa que, agora passaria a ser uma equipe de facilitadores, a equipe da CAF passou a reunir-se para estudar a temática da participação e refletir em conjunto sobre as mudanças que ocorreriam. As reuniões serviram para destacar que elementos deveriam ser observados pela equipe:

- entender o processo em seu todo e o que significaria a mudança
- entender o papel de um facilitador
- entender que o grupo tinha condições de se assumir como comunidade
- entender o papel de uma liderança vinda do próprio grupo e como o trabalho aconteceria junto aos facilitadores e a direção do programa.

Por parte das famílias participantes as atitudes diferiram entre uma grande alegria e expectativa a pouco entusiasmo e receio pelas novas possibilidades.

Nas conversas informais e nas reuniões semanais, as pessoas passaram a verbalizar suas opiniões e questionar a dos outros, algo bastante incomum para o grupo que, anteriormente apenas se reunia para assistir o que fosse levado às reuniões (palestras sobre saúde, auto-ajuda e outras) tendo muito pouca interação.

Outra reação percebida foi a resistência de algumas famílias a permanecerem no programa quando viam que suas idéias não prevaleciam no grupo. A não participação era assim utilizada como um meio de punir o grupo. Percebeu-se ainda uma nova questão relativa a gênero, com uma diminuição de participação por parte dos homens e uma maior persistência de mulheres.

### **1.2 Aprendendo o protagonismo**

As reuniões iniciavam-se com um momento de reflexão onde cada um podia falar um pouco sobre como havia sido sua semana. O acordo feito previa que este momento não deveria ser utilizado para críticas e sim, para que todos pudessem ter a oportunidade de falar e ouvir. Em alguns momentos, alguns deles tomavam a palavra para lembrar situações comuns a todos e para reafirmar como era importante estarem unidos, que em si, isto já era um progresso, mesmo que não conseguissem chegar a desenvolver uma oficina eles já se sentiam beneficiados com as reuniões. Desta forma, várias pessoas que antes não se pronunciavam passaram a falar sobre detalhes do seu cotidiano, do seu estado de saúde e as dificuldades de cuidar dos filhos e de conseguir se manter.

O coordenador explicou seu novo papel como facilitador no grupo. A princípio os participantes sentiram que isso poderia deixá-los em situação insegura, queriam que ele fosse o líder do grupo e que continuasse cuidando das decisões. Isso se dava também porque não sentiam que já se conheciam bem o suficiente para confiarem que as decisões fossem tomadas pelas pessoas do grupo.

O facilitador (coordenador do programa) explicou que características estavam presentes em um líder, em um secretário e em um tesoureiro. O grupo passou a identificar as características entre os participantes. Para melhorar a discussão eram utilizadas situações problemas, ou pequenos casos, sobre os quais os participantes opinavam sugerindo soluções e ao mesmo tempo, identificando características tais como: um líder forte, um líder carismático, uma pessoa confiável, uma pessoa organizada, etc.

Após algumas reuniões o grupo se sentiu apto para votar sua própria liderança e decidir uma oficina de trabalho.

### **1.3 Crescendo na tomada de decisões**

Com uma liderança formada o grupo partiu para a decisão sobre a oficina inicial. Esta decisão envolveu a discussão de aptidões, preparo, ambiente, recursos financeiros e modos de apresentação e venda de produtos.

O grupo discutiu a possibilidade de trabalhar na confecção de sabonetes ou de velas. Não havia uma unanimidade na escolha, mas o grupo decidira que sendo votado o assunto, todos cederiam para o desejo da maioria.

A decisão recaiu para a confecção de sabonetes, mas o local onde eram feitas as reuniões (um salão cedido por uma igreja) não poderia ser utilizado para a atividade. Era necessário encontrar um local adequado e fazer um levantamento sobre custos e sobre valor para venda dos produtos. O grupo verificou que o produto não encontraria espaço para venda no mercado, uma vez que o preço dos sabonetes industrializados conseguiam ser produzidos com menor custo de produção e já tinham uma marca conhecida que ajudava na venda.

Neste momento se aproximavam os festejos de natal e uma voluntária se ofereceu para ensinar a preparar enfeites. Os enfeites em formato de velas, guirlandas e corações eram confeccionados com balas de goma, que para darem formato eram presas em uma estrutura de isopor e enfeitados com fitas. O custo do produto era baixo e não exigia uma habilidade específica para a confecção, ou seja, o modelo era de fácil reprodução e era chamativo aos olhos.

Seguindo um rigoroso critério de higiene (lavagem das mãos, uso de máscara, toca e luvas) o grupo iniciou o preparo dos primeiros produtos. A atividade podia ser realizada no local disponibilizado para o grupo e, ainda, ser realizada por homens, mulheres e adolescentes. A CAF entraria como primeiro parceiro para a oficina, doando o material para a confecção do produto.

Quando a primeira peça foi terminada por uma das mulheres, a mesma começou a chorar, pois, não acreditava que tinha capacidade para criar algo com as próprias mãos. O sentimento se repetia com os demais membros do grupo. A cada peça o sentimento de realização e de conquista se repetia. Aos poucos a sala do projeto ia se colorindo com os enfeites comestíveis que recebiam uma pequena etiqueta com o nome dos artesãos.

Apesar de as peças adquirirem um aspecto atrativo, a venda não correspondeu às expectativas. Ao tomar conhecimento sobre a origem das mesmas, que eram produzidas por pessoas soropositivas para HIV muitas pessoas deixavam de comprar, pois, temiam que, de alguma maneira um produto comestível pudesse se tornar contaminado.

A experiência não tão bem sucedida provocou em algumas pessoas do grupo uma grande decepção e um sentimento de que o preconceito dificilmente seria vencido. Entretanto, a maioria não se abateu com os resultados das vendas, para eles, era apenas uma questão de acertar na escolha de um novo produto. Eles haviam aprendido uma lição importante no empreendedorismo, a de que os erros fazem parte do processo de acertar.

#### **1.4 Os primeiros passos de uma experiência bem sucedida- “Quilting para a vida”**

O grupo continuou com as reuniões onde várias pessoas levavam diferentes idéias para discussão: iniciar uma lavanderia, um serviço de jardinagem e outros. A discussão sobre o estado de saúde dos participantes e os riscos para a saúde sempre permeavam a discussão. Era necessário uma oficina que não apresentasse riscos para os participantes, ou que ao menos, estes riscos fossem mínimos. Além disso, o uso de equipamentos exigiria um espaço adequado e seguro para guarda.

Duas voluntárias que conheciam o Programa se ofereceram para ensinar técnicas de patchwork, um tipo de costura que utiliza pequenos retalhos para formar diferentes desenhos podendo ser utilizado na confecção de toalhas, aventais, pegadores de panela, cortinas, colchas e tantos produtos quanto a imaginação permitisse. Como o patchwork utiliza diferentes técnicas, há um grau de dificuldade diferenciado na confecção dos produtos, ou seja, as pessoas poderiam iniciar com pequenos trabalhos e passar a realizar peças de maior grau de dificuldade.

A equipe da CAF dado a grande aceitabilidade por esta nova possibilidade decidiu organizar um espaço maior no prédio onde outros programas da CAF são realizados. Inicialmente contava-se com uma máquina de costura em condições precárias de uso e uma mesa para corte de tecidos. Os primeiros materiais para iniciar o trabalho seriam doados pela CAF enquanto as parcerias não tivessem sido estabelecidas.

A maioria dos participantes tanto homens como mulheres conheciam pouco ou nada de costura e aos poucos se distribuíam entre as funções de cortar os retalhos, passar tecidos, costurar as primeiras peças, e outros menos habilidosos cuidavam de organizar e limpar o ambiente.

As primeiras peças iam sendo confeccionadas em clima de bastante ansiedade e expectativa. O acabamento apresentava sinais de amadorismo, mas, os participantes se encantavam à cada finalização de peça.

O trabalho de patchwork envolve mais do que cortar e costurar, exige que o artesão decida que tecidos usar para que tanto as estampas e as cores possam ser escolhidas de maneira apropriada, a costura bem acabada e a criatividade compõe a arte de “Kiltar” e assim os participantes iam aprendendo a combinar pequenos pedaços de tecido para formar um produto atrativo. Aos poucos nasciam sacolas, panos de prato e jogos americanos.

Uma bela cortina foi confeccionada pelo grupo e serviu para enfeitar e proteger o quarto do bebê que a CAF recebia em seu abrigo. A colaboração do grupo na confecção de peças de maior grau de dificuldade ajudava não apenas na aprendizagem da técnica, mas no desenvolvimento do trabalho em equipe.

Com o apoio de um parceiro, outras 4 máquinas de costura foram compradas e uma nova mesa para corte, agora com um tamanho ideal para o preparo de peças mais elaboradas. A sala ganhou nova pintura em “estilo patchwork” e os armários doados ganharam uma nova pintura para guardar as peças prontas para venda.

A oficina passou a acontecer em diferentes dias para que os grupos de aprendizes pudessem ser distribuídos conforme o nível de desenvolvimento nas técnicas. Um antigo parceiro, empolgado com o desenvolvimento do grupo voltou a doar lanches que os participantes podiam saborear no momento de intervalo.

Ao aprender a técnica de patchwork, desenvolve-se a habilidade para o uso da máquina de costura e também da costura à mão assim, além da confecção de peças, os participantes poderiam utilizar seus conhecimentos para realizar pequenos concertos de roupas e costuras simples, um benefício agregado.

Cada peça produzida recebia uma etiqueta com o nome do artesão que a confeccionara, assim, quando da venda, os lucros iriam para o mesmo. A grande vantagem do patchwork é que, pela especificidade da técnica, uma série de aprendizagens é feita e ainda, os produtos podem ser criados acompanhando as sugestões de diferentes eventos do calendário tais como: páscoa, natal, dia das mães etc, ou seja, uma peça confeccionada pode ser guardada para venda em diferentes ocasiões sem perda de produtos.

As peças são expostas num espaço para venda na sede da CAF e os artesãos já participaram de dois eventos de patchwork na capital. Enquanto isso, novos contatos com parceiros tem sido feitos. O propósito é poder servir a famílias de outros projetos, fazendo com que o conhecimento acumulado possa ser compartilhado com outros.

## **Conclusão**

A oficina de patchwork deixou de ser apenas um sonho coletivo, é uma realidade que faz parte da vida das pessoas do Programa com Famílias. Para elas, ser soropositivo para HIV/AIDS não é empecilho para ganhar seu espaço na sociedade, elas acreditam que estão aprendendo um ofício criativo e que pode ajudá-las a ganhar a vida com dignidade.

O protagonismo, tão necessário para o exercício da cidadania deveria ser ensinado, ou melhor, vivenciado desde a mais tenra idade, mas isso não é realidade principalmente entre as pessoas marginalizadas da sociedade, para quem, a garantia dos direitos é vista como uma dádiva outorgada pelas autoridades e pela sociedade em geral.

Para o Programa com Famílias, a vivência do protagonismo contera aprendizagem organizacional para a transposição do assistencialismo para uma experiência de compartilhamento e de autonomia, de alguma forma, a CAF também pode “quiltar” um novo programa a partir de pequenas contribuições de diferentes atores.

Cada peça produzida na oficina de Patchwork do Programa de Famílias representa cada uma das 40 famílias que são atendidas no programa, algumas iniciando a aprendizagem outras, como Suelene e Raimunda, já mais adiantadas. Sua garra e determinação tem servido de estímulo para

as demais. Elas foram as primeiras a aprender a técnica, e a produção já consiste num aporte para a renda familiar. Elas sonham em breve poder se tornar facilitadoras para que a oficina fique aberta todos os dias.

Enquanto costuram pequenos pedaços de tecido, mulheres riem umas das outras, contando as histórias do seu dia a dia, contam casos e compartilham sobre as dificuldades da vida. Em alguns momentos pouco conversam de tão compenetradas com o trabalho que já começa a ser um “vício” segundo elas. Como na vida, onde tiveram que primeiramente juntar os pequenos pedaços de esperança para compor um quadro real de suas possibilidades, elas vão aos poucos formando lindas peças coloridas, “quiltando a vida ” para construir o seu futuro.

Ieda Maria Siebra Bochio  
CAF- Casa de Assistência Filadélfia  
Rua Antonio Fortunato, 627- Burgo Paulista-Zona Leste  
CEP-03681-000 Tel(11) 6141 6140  
[iedabochio@uol.com.br](mailto:iedabochio@uol.com.br)  
[casafiladelfia@uol.com.br](mailto:casafiladelfia@uol.com.br)  
[www.caf.org.br](http://www.caf.org.br)

## Anexo I

### Bibliografia

Candeias, NMF. **Conceitos de Educação e de Promoção em Saúde: mudanças individuais e mudanças organizacionais**. Rev. Saúde Pública; 31(2): 1997.

Carter, I. **Mobilização da Comunidade-Guia Pilares**. Tearfund, Teddington, Reino Unido.

\_\_\_\_\_ **Desenvolvendo Capacidades de Grupos Locais -Guia Pilares**. Tearfund, Teddington, Reino Unido.

\_\_\_\_\_ **Crédito e empréstimos para pequenas empresas-Guia Pilares**. Tearfund, Teddington, Reino Unido.

Freire, P. **Educação e Mudança**. 24 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra ;2001

\_\_\_\_\_ **Pedagogia do oprimido**. Ed Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987.

Kochergin , CN. **Organizações Não Governamentais/AIDS: o que pensam sobre sua prática?** [Dissertação de Mestrado. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo,2000.

Minayo, Maria Cecília- **O Desafio do conhecimento- Pesquisa qualitativa em Saúde**. 7ed. Hucitec-ABRASCO, Rio de Janeiro, 2000.

Morin, Edgar (2000) Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro, Editora Cortez Neto MS, Truzzi OMS. **Perspectivas Contemporâneas em Análise Organizacional**. Gestão e Produção, v.9,n1,p32-44, 2002.

Reis, SFG. **Um por todos, todos por um. Aids: um convite à responsabilidade social**. Ed Sá; 2001.

Silva, CLC. **ONGs/AIDS, Intervenções sociais e novos laços de solidariedade social**. Cad. Saúde Pública 1998; 14 (2): 129-39.

Singer, P. **Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário**, Estudos Avançados 18(51), 2004.

\_\_\_\_\_ **Cooperativas de Trabalho**. [www.mtb.gov.br](http://www.mtb.gov.br)